

## **Lalíngua nos seminários, conferências e escritos de Jacques Lacan**

**Dominique Fingermann e Conrado Ramos (Orgs.)**

Método: Dominique Fingermann localizou e recolheu todos os trechos relevantes em que Lacan se refere à *lalangue* nos textos de seus seminários, conferências e escritos. Conrado Ramos buscou os mesmos trechos selecionados por Dominique nas traduções disponíveis para o português ou para o espanhol, quando não disponível em português. A apresentação está organizada na ordem cronológica das obras (seminários, conferências ou escritos), aparecendo primeiramente o trecho em francês e depois a tradução encontrada. Quanto à frequente variação da tradução de *lalangue* por *lalíngua* ou *alíngua*, preferiu-se manter as opções dos tradutores de cada texto.

### **Le savoir du psychanalyste (1971-1972)**

#### **O saber do psicanalista (1971-1972)<sup>1</sup>**

pp. 10-11

(...) «Lalangue», comme je l'écris maintenant (...). Je n'ai pas dit l'inconscient est structuré comme lalangue, mais est structuré comme un langage, et j'y reviendrai tout à l'heure. (...) Eh bien, lalangue n'a rien à faire avec le dictionnaire, quel qu'il soit. Le dictionnaire a affaire avec la diction, c'est-à-dire avec la poésie et avec la rhétorique par exemple (...). Seulement, c'est justement pas ce côté-là qui a affaire avec l'inconscient. (...) Contrairement à ce qui est, je ne sais pourquoi, encore très répandu, le versant utile dans la fonction de lalangue, le versant utile pour nous psychanalystes, pour ceux qui ont affaire à l'inconscient, c'est la logique (...).

p. 15 (aula de 4 de novembro de 1971)

(...) Lalangue, como escrevo agora, não tenho o quadro-negro, bem, escrevam alíngua [lalangue] numa só palavra ;é assim que a escreverei doravante. (...).

(...) Eu não disse o inconsciente é estruturado como uma alíngua, mas é estruturado como uma linguagem e voltarei a isso daqui a pouco. (...) Bem, alíngua não tem nada a ver com o dicionário, qualquer que seja. O dicionário tem a ver com a dicção, isto é, com a poesia e com a retórica, por exemplo. (...) Apenas, justamente, não é esse lado que tem a ver com o inconsciente. (...) Eu não sei por que, contrariamente ao que é ainda muito difundido, a vertente útil na função da alíngua, a vertente útil para nós psicanalistas, para aqueles que lidam com o inconsciente, é a lógica. (...).

---

<sup>1</sup> LACAN, J. (1971-72). *O saber do psicanalista*. Tradução de Ana Izabel Corrêa, Leticia P. Fonsêca e Nanette Zmery Frej. Recife: Centro de Estudos Freudianos do Recife (publicação para circulação interna), 1997.

p. 13

(...) Pour commencer, je dis que si je parle de langage, c'est parce qu'il s'agit de traits communs à se rencontrer dans «lalangue» ; «lalangue» étant elle-même sujette à une très grande variété, il y a pourtant des constantes (...).

p. 18 (aula de 4 de novembro de 1971)

(...) Para começar eu digo que, se falo de linguagem, é porque se trata de traços comuns a encontrar na alíngua; a alíngua, sendo ela própria sujeita a uma variedade muito grande, tem todavia constantes. (...).

pp. 33-34

(...) «Fonction et champ de la parole et du langage», le champ est constitué par ce que j'ai appelé l'autre jour avec un lapsus : «lalangue» (...). Des hommes et des femmes, c'est réel. Mais nous ne sommes pas, à leurs propos, capables d'articuler la moindre chose dans «lalangue» qui ait le moindre rapport avec ce Réel (...).

pp. 34-35 (aula de 2 de dezembro de 1971)

(...) *Function et champ de la parole et du langage*, o campo é constituído pelo que chamei, outro dia, num lapso, a alíngua [lalangue]. (...).

(...) Homens e mulheres – isso é real. Mas, a respeito deles, não somos capazes de articular a menor coisa na alíngua que tenha a menor relação com esse Real. (...).

p. 34

(...) La psychanalyse nous confronte à ceci que tout dépend de ce point pivot qui s'appelle la jouissance sexuelle et qui se trouve - c'est seulement les propos que nous recueillons dans l'expérience psychanalytique qui nous permettent de l'affirmer - qui se trouve ne pouvoir s'articuler dans un accouplement un peu suivi, voire même fugace qu'à exiger de rencontrer ceci qui n'a dimension que de « lalangue » et qui s'appelle la castration. (...)

p. 35 (aula de 2 de dezembro de 1971)

(...) A psicanálise nos confronta ao fato de que tudo depende desse ponto de sustentação chamado

gozo sexual e que acontece – são apenas as proposições que recolhemos na experiência psicanalítica que nos permitem afirmá-lo – somente podendo se articular numa cópula um pouco contínua, e até mesmo efêmera ao exigir encontrar aquilo que não tem dimensão senão de alíngua e que chamamos castração. (...).

p. 35

(...) avant que j'aie tranché que le point clé, le point nœud, c'était «lalangue» et dans le champ de «lalangue», l'opération de la parole. Il n'y a pas une interprétation analytique qui ne soit pour donner à quelque proposition qu'on rencontre sa relation à une jouissance, à quoi ... qu'est-ce que veut dire la psychanalyse ? Que cette relation à la jouissance, c'est la parole qui assure la dimension de vérité (...).

p. 36 (aula de 2 de dezembro de 1971)

(...) antes que eu tenha decidido que o ponto-chave, o ponto de articulação, era alíngua e, no campo de alíngua, a operação da fala. Não existe uma interpretação analítica que não seja para dar a qualquer proposição que encontramos sua relação a um gozo, ao que... o que quer dizer a psicanálise? Que nesta relação ao gozo é a palavra que assegura a dimensão de verdade. (...).

p. 39

(...) la seule question, la question très intéressante, c'est de savoir comment quelque chose que nous pouvons, momentanément, dire corrélatif de cette disjonction de la jouissance sexuelle, quelque chose que j'appelle «lalangue», évidemment que ça un rapport avec quelque chose du réel (...).

p. 40 (aula de 2 de dezembro de 1971)

(...) a única questão, a questão muito interessante, é saber como algo que podemos, momentaneamente, dizer correlativo desta disjunção do gozo sexual, algo que chamo alíngua, evidentemente, tem uma relação com algo do real (...).

p. 40

(...) Après tout, c'est peut être fait avec presque rien du tout, cette fameuse science. Auquel cas on s'expliquerait mieux comment les choses, l'apparence aussi conditionnée par un déficit que «lalangue», peut y mener tout droit (...).

p. 40 (aula de 2 de dezembro de 1971)

(...) Afinal, essa famosa ciência possivelmente é feita com quase nada. Neste caso, explicar-se-ia

melhor como as coisas, a aparência tão condicionada por um déficit quanto a alíngua pode seguir adiante. (...).

\*\*\*

**... Ou pire (1971-1972)**

**... Ou Pior (1971-1972)<sup>2</sup>**

p. 65

(...) Ce qui me frappe, c'est que pendant des siècles, quand on touchait à lalangue, fallait faire attention (...).

p. 62 (aula de 9 de fevereiro de 1972)

(...) O que me surpreende é que, durante séculos, quando se tocava na lalíngua, era preciso prestar atenção. (...).

p. 78

(...) Vous voyez que lalangue, lalangue que j'écris en un seul mot, lalangue qui est pourtant bonne fille, ici, résiste. Elle fait la grosse joue. On en jouit, il faut bien le dire, de l'Autre, on en jouit *mentalement* (...).

p. 74 (aula de 8 de março de 1972)

(...) Vocês veem que lalíngua, lalíngua que escrevo numa só palavra, lalíngua que, entretanto, é boa moça, resiste. Ela faz beicinho. Goza-se, é necessário que se diga, do Outro, goza-se *mentalmente*. (...).

pp. 79-80

(...) L'important, c'est que vos fantasmes vous jouissent et c'est là que je peux revenir à ce que je disais tout à l'heure. C'est que, comme vous voyez, même lalangue qui est bonne fille ne laisse *pas* sortir cette parole facilement (...).

p. 75 (aula de 8 de março de 1972)

---

<sup>2</sup> LACAN, J. *O Seminário, livro 19: ... Ou pior* (1971-72). Tradução de Andrea Tenório Diniz Gonçalves, Deane Pontes Fiúza, Denise Coutinho, Maria Auxiliadora Mascarenhas Fernandes, Michel Colin. Salvador: Espaço Moebius Psicanálise (publicação não comercial), 2003.

(...) O importante é que seus fantasmas gozam de vocês e é aí que posso voltar ao que dizia há pouco. É que, como vocês veem, mesmo *lalíngua*, que é boa moça, não deixa esta palavra sair facilmente. (...).

\*\*\*

### L'Étourdit (1972)

### O aturdito (1972)<sup>3</sup>

p. 490

(...) Ce dire ne procède que du fait que l'inconscient, d'être " *structuré comme un langage* ", c'est-à-dire *lalangue* qu'il habite, est assujetti à l'équivoque dont chacune se distingue. Une langue entre autres n'est rien de plus que l'intégrale des équivoques que son histoire y a laissé ... C'est la veine dont le réel, le seul pour le discours analytique ... le réel qu'il n'y a pas de rapport sexuel, y a fait dépôt au cours des âges (...).

p. 492

(...) Esse dizer provém apenas do fato de que o inconsciente, por ser “estruturado *como uma linguagem*”, isto é como a *lalíngua* que ele habita, está sujeito à equivocidade pela qual cada uma delas se distingue. Uma língua entre outras não é nada além da integral dos equívocos que sua história deixou persistirem nela. É o veio em que o real – o único, para o discurso analítico, a motivar seu resultado, o real de que não existe relação sexual – se depositou ao longo das eras. (...).

p. 492

(...) " Je ne te le fais pas dire. " N'est-ce pas là le minimum de l'intervention interprétative ? Mais ce n'est pas son sens qui importe dans la formule que *lalangue* dont j'use ici permet d'en donner, c'est que l'amarphologie d'un langage ouvre l'équivoque entre " Tu l'as dit " et " Je le prends d'autant moins à ma charge que, chose pareille, je ne te l'ai par quiconque fait dire " (...).

p. 494

(...) “Não sou eu que te faço dizê-lo.” Não é esse o mínimo da intervenção interpretativa? Mas o que importa não é seu sentido, na formulação que a *alíngua* de que aqui me sirvo permite dar-lhe, e sim que a amorfologia de uma linguagem descortina o equívoco entre “Você o disse” e

---

<sup>3</sup> LACAN, J. (1972). O aturdito. In: *Outros escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003, p. 448-497.

“Tenho tão pouca responsabilidade por isso que não lhe mandei dizer por ninguém”. (...)

\*\*\*

**Encore (1972-1973)**  
**Mais, ainda (1972-1973)<sup>4</sup>**

p. 44

(...) Notre recours est, dans lalangue, ce qui la brise (...).

p. 61 (aula de 16 de janeiro de 1973, capítulo IV: *O Amor e o Significante*)

(...) Nosso recurso é, na alíngua, o que a fratura. (...).

p. 78

(...) C'est là que, lalangue, lalangue en français d'oît m'apporter une aide - non pas, comme il arrive quelquefois, en m'offrant une homonymie, du *d'eux* avec le *deux*, du *peut* avec le *peu*, voyez ce *il peut peu* qui est bien tout de même là pour nous servir à quelque chose - mais simplement en me permettant de dire qu'on *âme*. *J'âme, tu âmes, il âme*. Vous voyez là que nous ne pouvons nous servir que de l'écriture, même à y inclure *jamais j'âmais* (...).

p. 113 (aula de 13 de março de 1973, capítulo VII: *Letra de uma Carta de Almor*)

(...) É aí que alíngua, alíngua em francês, deve me dar uma ajuda – não, como acontece algumas vezes, me oferecendo um homônimo, do *d'eux* (deles) com o *deux* (dois), do *peut* (pode) com o *peu* (pouco), vejam este *il peut peu* (ele pode pouco) que está mesmo aí é para nos servir para alguma coisa – mas simplesmente me permitindo dizer que a gente *âme* (que a gente alma). Eu *almo*, tu *almas*, ele *alma*. Aí vocês veem que só nos podemos servir da escrita, mesmo para incluir o *jamais j'âmais* (o *jamais já almais*). (...).

p. 93

(...) Ce que j'avais, en écrivant lalangue en un seul mot, c'était bien ce par quoi je me distingue du structuralisme, pour autant qu'il intégrerait le langage à la sémiologie (...).

pp. 137-138 (aula de 10 de abril de 1973, capítulo VIII: *O Saber e a Verdade*)

---

<sup>4</sup> LACAN, J. *O Seminário, livro 20: mais, ainda* (1972-73). Tradução de M.D. Magno. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

(...) O que eu adiantava, ao escrever alíngua numa só palavra, era mesmo aquilo pelo que eu me distingo do estruturalismo, na medida em que ele integraria a linguagem à semiótica (...).

p. 97

(...) Comme quelqu'un l'a perçu récemment, je me range - qui me range? est-ce que c'est lui ou est-ce que c'est moi? finesse de lalangue - je me range plutôt du côté du baroque (...).

p. 145 (aula de 8 de maio de 1973, capítulo IX: *Do Barroco*)

(...) Como alguém percebeu recentemente, eu me alinho – quem me alinha? Será que é ele ou será que sou eu? Finura da alíngua – eu me alinho mais do lado do barroco. (...).

p. 120

(...) Ce que seule lalangue que je parle permet, - mais ce n'est pas fait pour que, moi, je m'en prive en tant que je parle (...).

p. 180 (respostas de Jacques Lacan datadas de 22 de outubro de 1973 às perguntas referentes à aula de 15 de maio de 1973, capítulo X: *Rodinhas de Barbante*)

(...) O que só se permite pela alíngua que falo – mas isto não é feito para que, eu, me prive disto no que falo. (...).

p. 125 (XI Le rat dans le labyrinthe)

(...) Le langage est une élucubration de savoir sur lalangue (...).

p. 187 (aula de 26 de junho de 1973, capítulo X: *O Rato no Labirinto*)

A linguagem é uma elucubração de saber sobre alíngua. (...).

pp. 126-127

(...) Seulement, une chose est claire, le langage n'est que ce qu'élabore le discours scientifique pour rendre compte de ce que j'appelle lalangue (...) Lalangue sert à de toutes autres choses qu'à la communication. C'est ce que l'expérience de l'inconscient nous a montré, en tant qu'il est fait de lalangue, cette lalangue dont vous savez que je l'écris en un seul mot, pour désigner ce qui est notre affaire à chacun, lalangue dite maternelle, et pas pour rien dite ainsi.

Si la communication se rapproche de ce qui s'exerce effectivement dans la jouissance de lalangue, c'est qu'elle implique la réplique, autrement dit le dialogue. Mais lalangue sert-elle d'abord au dialogue? Comme je l'ai autrefois articulé, rien n'est moins sûr (...).

(...) Si j'ai dit que le langage est ce comme quoi l'inconscient est structuré, c'est bien parce que le langage, d'abord, ça n'existe pas. Le langage est ce qu'on essaye de savoir concernant la fonction de lalangue.

Certes, c'est ainsi que le discours scientifique lui-même l'aborde, à ceci près qu'il lui est difficile de le réaliser pleinement, car il méconnaît l'inconscient. L'inconscient est le témoignage d'un savoir en tant que pour une grande part il échappe à l'être parlant. Cet être donne l'occasion de s'apercevoir jusqu'où vont les effets de lalangue, par ceci, qu'il présente toutes sortes d'affects qui restent énigmatiques. Ces affects sont ce qui résulte de la présence de lalangue en tant que, de savoir, elle articule des choses qui vont beaucoup plus loin que ce que l'être parlant supporte de savoir énoncé.

Le langage sans doute est fait de lalangue. C'est une élucubration de savoir sur lalangue. Mais l'inconscient est un savoir, un savoir-faire avec lalangue. Et ce qu'on sait faire avec lalangue dépasse de beaucoup ce dont on peut rendre compte au titre du langage.

Lalangue nous affecte d'abord par tout ce qu'elle comporte comme effets qui sont affectés. Si l'on peut dire que l'inconscient est structuré comme un langage, c'est en ceci que les effets de lalangue, déjà là comme savoir, vont bien au-delà de tout ce que l'être qui parle est susceptible d'énoncer.

C'est en cela que l'inconscient, en tant qu'ici je le supporte de son dé, chiffage, ne peut que se structurer comme un langage, un langage toujours hypothétique au regard de ce qui le soutient, à savoir lalangue. Lalangue, c'est ce qui m'a permis tout à l'heure de faire de mon S2, une question, et de demander - *est-ce bien d'eux qu'il s'agit dans le langage?* (...).

pp. 188-190 (aula de 26 de junho de 1973, capítulo X: *O Rato no Labirinto*)

(...) Só que, uma coisa é clara, a linguagem é apenas aquilo que o discurso científico elabora para dar conta do que chamo alíngua.

Alíngua serve para coisas inteiramente diferentes da comunicação. É o que a experiência do inconsciente mostrou, no que ele é feito de alíngua, essa alíngua que vocês sabem que eu a escrevo numa só palavra, para designar o que é a ocupação de cada um de nós, alíngua dita materna, e não por nada dita assim.

Se a comunicação se aproxima do que se exerce efetivamente no gozo da alíngua, é que ela implica a réplica, dito de outro modo, o diálogo. Mas alíngua, será que ela serve primeiro para o diálogo? Como articulei de outra vez, nada é menos garantido do que isto. (...).

(...) Se eu disse que a linguagem é aquilo como o que o inconsciente é estruturado, é mesmo porque, a linguagem, de começo, ela não existe. A linguagem é o que se tenta saber concernentemente à função da alíngua.



Certamente, é assim que o próprio discurso científico a aborda, exceto que lhe é difícil realizá-la plenamente, pois ele não leva em consideração o inconsciente. O inconsciente é o testemunho de um saber, no que em grande parte ele escapa ao ser falante. Este ser dá oportunidade de perceber até onde vão os efeitos da alíngua, pelo seguinte, que ela apresenta toda sorte de afetos que restam enigmáticos. Esses afetos são o que resulta da presença de alíngua no que, de saber, ela articula coisas que vão muito mais longe do que aquilo que o ser falante suporta de saber enunciado.

A linguagem, sem dúvida, é feita de alíngua. É uma elucubração de saber sobre alíngua. Mas o inconsciente é um saber, um saber-fazer com alíngua. E o que se sabe fazer com alíngua ultrapassa de muito o de que podemos dar conta a título de linguagem.

Alíngua nos afeta primeiro por tudo que ela comporta como efeitos que são afetos. Se se pode dizer que o inconsciente é estruturado como uma linguagem, é no que os efeitos de alíngua, que já estão lá como saber, vão bem além de tudo que o ser que fala é suscetível de enunciar.

É nisto que o inconsciente, no que aqui eu o suporto com sua cifragem, só pode estruturar-se como uma linguagem, uma linguagem sempre hipotética com relação ao que a sustenta, isto é, alíngua. Alíngua é o que me permitiu, há pouco, fazer de meu S2 uma questão, e perguntar: será mesmo *dos*, deles, *dois*, que se trata na linguagem? (...).

p. 128

(...) Or, cet expérimentateur, c'est lui qui, dans cette affaire, sait quelque chose (...) S'il n'était pas quelqu'un pour qui le rapport au savoir est fondé sur un rapport à lalangue, sur l'habitation de lalangue, ou la cohabitation avec, il n'y aurait pas ce montage (...).

p. 192 (aula de 26 de junho de 1973, capítulo X: *O Rato no Labirinto*)

(...) Ora, esse experimentador, é ele que, nessa operação, sabe alguma coisa (...) Se ele não fosse alguém para quem a relação ao saber está fundada numa relação à língua, na habitação de alíngua, ou coabitação com, não haveria essa montagem. (...).

p. 129

(...) à ce qui, par l'expérimentateur, n'a pas été cogité à partir de rien, mais à partir de lalangue (...).  
(...) Pour introduire un discours scientifique concernant le savoir, il faut interroger le savoir là où il est. Ce savoir, en tant que c'est dans le gîte de lalangue qu'il repose, veut dire l'inconscient (...).  
(...) Le signifiant en lui-même n'est rien autre de définissable qu'une différence avec un autre signifiant. C'est l'introduction de la différence comme telle dans le champ, qui permet d'extraire de lalangue ce qu'il en est du signifiant.

Autrement dit, je réduis l'hypothèse, selon la formule même qui la substantifie, à ceci qu'elle

est nécessaire au fonctionnement de lalangue. (...).

pp. 193-194 (aula de 26 de junho de 1973, capítulo X: *O Rato no Labirinto*)

(...) pelo experimentador, não foi cogitado a partir de coisa alguma, mas sim a partir da alíngua. (...).

(...) Para introduzir um discurso científico concernente ao saber, é preciso interrogar o saber aonde ele está. Esse saber, na medida em que é no antro da alíngua<sup>5</sup> que ele repousa, quer dizer *o inconsciente*. (...).

(...) O significante, em si mesmo, não é nada de definível senão como uma diferença para com um outro significante. É a introdução da diferença enquanto tal, no campo, que permite extrair da alíngua o que é do significante.

Dito de outro modo, reduzo a hipótese, segundo a fórmula mesma que a substantifica, a ela ser necessária para o funcionamento da alíngua. (...).

p. 130

(...) C'est parce qu'il y a l'inconscient, à savoir lalangue en tant que c'est de cohabitation avec elle que se définit un être appelé l'être parlant, que le signifiant peut être appelé à faire *signe* (...).

pp. 194-195 (aula de 26 de junho de 1973, capítulo X: *O Rato no Labirinto*)

(...) É porque há o inconsciente, isto é, alíngua no que é por coabitação com ela que se define um ser chamado falante, que o significante pode ser chamado a fazer sinal, a constituir signo. (...).

pp.130-131

(...) L'S1, *l'essaim*, signifiant-maître, est ce qui assure l'unité, l'unité de la copulation du sujet avec le savoir. L'est dans lalangue, et pas ailleurs, entant qu'elle est interrogée comme langage, que se dégage l'existence de ce qu'une linguistique primitive a désigné du terme de στοιχείν, élément, et ce n'est pas pour rien (...).

p. 196 (aula de 26 de junho de 1973, capítulo X: *O Rato no Labirinto*)

(...) S1, esse um, o enxame, significante-mestre, é o que garante a unidade, a unidade de copulação do sujeito com o saber. É na alíngua, e não alhures, no que ela é interrogada como

---

<sup>5</sup> Na presente tradução de M.D.Magno, neste trecho do texto consta *língua*, e não *alíngua*.

linguagem, que se destaca a existência daquilo que uma linguística primitiva designou com o termo στοιχεῖν, elemento, e isto não é por nada. (...).

p. 131

(...) Le Un incarné dans lalangue est quelque chose qui reste indécis, entre le phonème, le mot, la phrase, voire toute la pensée. C'est ce dont il s'agit dans ce que j'appelle signifiant-maître (...).

p. 196 (aula de 26 de junho de 1973, capítulo X: *O Rato no Labirinto*)

(...) O Um encarnado na alíngua é algo que resta indeciso entre o fonema, a palavra, a frase, mesmo todo o pensamento. É o de que se trata no que chamo de significante-mestre. (...).

\*\*\*

### **Introduction à l'édition allemande des *Écrits* (07/10/1973)**

### **Introdução à edição alemã de um primeiro volume dos *Escritos* (07/10/1973)<sup>6</sup>**

p. 559

(...) mais si l'inconscient témoigne d'un réel qui lui soit propre (...) Ce qui ne cesse pas de s'écrire, c'est supporté du jeu de mots que lalangue mienne a gardé d'une autre, et non sans raison, la certitude dont témoigne dans la pensée le mode de la nécessité (...).

p. 556

(...) mas, se o inconsciente atesta um real que lhe é próprio (...) O que não cessa de se escrever é sustentado pelo jogo de palavras de que lalíngua que me é própria preservou de uma outra, não sem razão, a certeza que é atestada no pensamento pelo modo da necessidade. (...).

\*\*\*

### **Télévision (1973)**

### **Televisão (1973)<sup>7</sup>**

p. 511

(...) La linguistique étant la science qui s'occupe de lalangue, que j'écris en un seul mot d'y

---

<sup>6</sup> LACAN, J. (1973). Introdução à edição alemã de um primeiro volume dos *Escritos*. In: *Outros escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003, p. 550-556.

<sup>7</sup> LACAN, J. (1973). Televisão. In: *Outros escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003, p. 508-543.

spécifier son objet, comme se fait de toute autre science (...).

p. 510

(...) A linguística é a ciência que se ocupa de lalíngua, que escrevo numa palavra só, para com isso especificar seu objeto, como se faz em qualquer outra ciência. (...).

\*\*\*

**Les non-dupes errent (1973-1974)**

**Les non-dupes errent (1973-1974)<sup>8</sup>**

p. 65

(...) ça nous pousse vers les formules mathématiques. Celles de ce qui est seulement à peine ébauché, à savoir la théorie des nœuds, à ceci près que tout de même ceci est bien le représentant du langage et que lalangue, écrite comme je le fais, le reflète dans sa formation même, que plus pour tout dire nous nous enfonçons à en parler, plus nous confirmons ce qui va de soi, que nous sommes aussi bien dans le Symbolique, et après quoi comment ne pas admettre le Réel, réel du fait que dans cette affaire nous y mettons notre peau ? (...).

p. 40 (aula de 18 de dezembro de 1973)

(...) Esto nos lleva a las fórmulas matemáticas. Las fórmulas de lo que está apenas esbozado, a saber, la teoría de los nudos, con la diferencia de que asimismo esto es el representante del lenguaje y que lalengua escrita como yo lo hago, lo refleja en su formación misma; para decirlo todo, cuanto más nos adentramos en la tarea de hablar de él, más confirmamos lo que es obvio: que también estamos en lo simbólico; después de esto, ¿cómo no admitir lo real, real por el hecho de que en este asunto ponemos allí nuestra piel? (...)

p. 66

(...) chiffre de l'amour, hein, - "ils sont hors deux" - je vous l'ai dit, c'est lalangue, enfin qui exprime la mathématique, hein (...).

p. 41 (aula de 18 de dezembro de 1973)

(...) cifra del amor, ¿no? — ellos están "fuera dos" (hors deux) — se los dije, es lalengua que expresa la matemática, ¿no?. (...).

---

<sup>8</sup> LACAN, J. *Seminario 21: Los incautos no yerran* (1973-1974). Tradução para o espanhol não mencionada. Inédito.

p. 79

(...) Ce qui n'est pas vrai de la langue, *lalangue* comme ritournelle, vous savez que je l'écris en un mot, *lalangue* si elle, en est faite, du sens, à savoir comment, par l'ambiguïté de chaque mot, elle prête, elle prête à cette fonction que le sens y ruisselle. Il ne ruisselle pas dans vos dires. Certes pas. Ni dans les miens non plus. C'est bien en quoi, c'est bien en quoi le sens ne s'atteint pas si facilement. Et ce ruissellement dont je parle, comment l'imaginer ? c'est le cas de le dire. Comment l'imaginer si c'est un ruissellement qu'arrêtent enfin des coupelles ? Car la langue, c'est ça. Et c'est même là le sens à donner à ce qui cesse de s'écrire. Ce serait le sens même des mots, qui dans ce cas se suspend. C'est en quoi le mode du possible en émerge. Qu'en fin de compte, quelque chose qui s'est dit cesse de s'écrire, c'est bien ce qui montre qu'à la limite tout est possible par les mots, justement de cette condition qu'ils n'aient plus de sens (...).

pp. 48-49 (aula de 8 de janeiro de 1974)

(...) Lo que no es verdad de lalengua, *lalengua* como ritornello, ustedes saben que yo lo escribo en una palabra: *lalengua*; si ella está hecho de eso, del sentido, a saber, de qué manera, por la ambigüedad de cada palabra, ella se presta a esta función: que en ella el sentido fluye copiosamente. Este no fluye en vuestros decires. Por cierto que no. Ni en los míos tampoco Lo cual explica que el sentido no se alcance tan fácilmente. ¿Cómo imaginar ese fluir del que hablo? Hay que decirlo: cómo imaginarlo si es un fluir que por último es detenido por copelas. Porque lalengua, es eso. Y ése es el sentido que habrá de darse a lo que deja de escribirse. Sería el sentido mismo de las palabras lo que en este caso se suspende. Por lo cual emerge de ello el modo de lo posibles Que al fin de cuentas, algo que se ha dicho deja de escribirse. Lo cual demuestra que finalmente todo es posible por las palabras, y justamente a causa de esta condición: que no tengan ya sentido. (...).

p. 86

(...) Est-ce que *lalangue*, *lalangue* en tant qu'elle a un sens, est-ce que *lalangue* permet d'égaliser *un* à *une*? (...).

p. 52 (aula de 8 de janeiro de 1974)

(...) ¿Es que *lalengua*, *lalengua* en tanto que tiene un sentido, es que *lalengua* permite igualar uno a una? (...).

pp. 153-154

(...) je ne vois pas pourquoi je m'empêcherais d'imaginer quoi que ce soit, si cette imagination est la

bonne, et ce que j'avance, c'est que la bonne, elle ne se certifie que de pouvoir se démontrer, se démontrer au Symbolique, ce qui veut dire à l'intituler Symbolique, à une certaine démantibulation de lalangue, en tant qu'elle fait accéder à quoi? à l'inconscient. (...).

(...) Rêver, n'a pas seulement, dans lalangue, lalangue dont je me sers, cette étonnante propriété de structurer le réveil. Il structure aussi la révolution, et la révolution, si nous l'entendons bien, ça va plus fort que le rêve (...).

p. 94 (aula de 19 de março de 1974)

(...) No veo por qué me impediría yo imaginar lo que fuere si esa imaginación es la buena, y lo que anticipo es que la buena no se certifica sino por poder demostrarse en lo Simbólico, lo que quiere decir, al intitularlo simbólico, en un cierto desbaratamiento de lalengua<sup>9</sup>, en tanto que ella hace acceder, ¿a qué?: al inconsciente. (...).

(...) En lalengua, lalengua de que me sirvo, soñar no tiene solamente esa sorprendente propiedad de estructuras del despertar. Estructura también la rêve-olution y la revolución (revolution), si la oímos bien, suena más fuerte que el sueño. (...).

p. 183

(...) La vie que pour l'occasion j'écrirais bien comme j'ai fait, comme j'ai fait de lalangue en un seul mot (...).

p. 112 (aula de 23 de abril de 1974)

(...) La vida que para esta ocasión escribiré, como hice con lalengua, en una sola palabra. (...).

p. 117 (aula de 23 de abril de 1974)

(...) Entonces, al decir esto, pongo a lo real, lo sitúo, justamente, lo pongo en su lugar, CON UN SENTIDO, no lo olvidemos, un sentido en tanto que sabido: el sentido se sabe. Tan es así que uno se asombra, visto el genio de lalengua, que no se haya hecho con él una sola palabra, que nos hayamos atascado: lo sensato (le sensé), lo sensible, todo lo que se quiera, pero que no haya acabado por cristalizarse: lo sensabido (le sensu). Hay que creer que esto tenía ecos que no nos complacían. (...).<sup>10</sup>

---

<sup>9</sup> Na tradução em espanhol, neste trecho aparece *la lengua* e não *lalengua*.

<sup>10</sup> No trecho correspondente a este, na versão da Association Lacanienne Internationale (ALI), a palavra *lalangue* não aparece: "Alors, en disant ça, je mets le Réel - je le situe, justement, je le mets à sa place, d'un sens, ne l'oublions pas, d'un sens en tant que su : le sens se sait. C'en est même au point qu'on est étonné, hein, qu'on ait, qu'on ait pataugé : le sensé, le sensible, tout ce qu'on veut, mais que ça n'ait pas fini par se cristalliser : le sensu. Faut croire que ça avait des échos qui nous plaisaient guère. Ce que je suis en train de dire par là, en tout cas de vous avancer concernant le Réel,

p. 231

(...) Eh bien, c'est de ça qu'il s'agit, justement : il s'agit des sèmes, à savoir de ce quelque chose qui s'incarne dans *lalangue*. Car il faut bien se résoudre à penser que *lalangue* est solidaire de la réalité des sentiments qu'elle signifie. S'il y a quelque chose qui nous le fait vraiment toucher, c'est justement la psychanalyse... qu'« empêchement », « émoi » - « émoi » tel que j e l'ai bien précisé : « émoi » c'est retrait d'une puissance - qu'« embarras » soient des mots qui ont du sens, eh bien, ils n'ont de sens que véhiculés sur les traces que fraye *lalangue* (...).

(...) Alors je voudrais quand même vous faire sentir ce qu'implique l'expérience analytique: c'est que, quand il s'agit de cette sémiotique, de ce qui fait sens et de ce qui comporte sentiment, eh bien, ce que démontre cette expérience, c'est que c'est de *lalangue*, telle que je l'écris, que procède ce que je ne vais pas hésiter à appeler l'animation - et pourquoi pas, vous savez bien que je ne vous barbe pas avec l'âme : l'animation, c'est dans le sens d'un sérieux trifouillement, d'un chatouillis, d'un grattage, d'une fureur, pour tout dire - l'animation de la jouissance du corps (...).

p. 141 (aula de 11 de junho de 1974)

(...) Y bien, de esto se trata, precisamente se trata de los semas, a saber, de ese algo que se encarna en *lalengua*. Pues es preciso resolverse a pensar que *lalengua* es solidaria de la realidad de los sentimientos que ella significa. Si hay algo que nos lo hace tocar verdaderamente, es justamente el psicoanálisis. que impedimento (empechement), como dije en una época en mi seminario sobre la angustia — lamento que después de todo no este ya aquí, a vuestra disposición— que impedimento, turbación (emoi), turbación tal como la he precisado, — turbación es retiro de una potencia— y que embarazo (embarras) sean palabras que tienen sentido, y bien, sólo lo tienen vehiculizadas sobre las huellas que abre *lalengua*. (...).

(...) Entonces, al menos quisiera hacerles sentir lo que implica la experiencia analítica. Es que cuando se trata de esa semiótica, de lo que constituye sentido y de lo que comporta sentimiento, y bien, lo que esa experiencia demuestra es que de *lalengua*, tal como la escribo, procede lo que no vacilare en llamar la animación, y por qué no, saben bien que no los fastidio con el alma; se trata de la animación en el sentido de un revolver, de un cosquilleo, de un rascado, de un furor; para decirlo todo la animación del goce del cuerpo. (...).

p. 232

(...) Seulement, c'est quand même là ce dont il s'agit : le sème, ce n'est pas compliqué, c'est ce qui

---

c'est ça d'abord, c'est que le savoir dont il s'agit dans la question : y a-t-il savoir dans le Réel, est tout à fait à séparer de l'usage du su dans le sensu.”

fait sens. Tout ce qui fait sens dans *lalangue* s'avère lié à l'ek-sistence de cette langue, à savoir que c'est en dehors de l'affaire de la vie du corps, et que s'il y a quelque chose que j'ai essayé de développer cette année ... c'est que c'est pour autant que cette jouissance phallique, que cette jouissance sémiotique se surajoute au corps qu'il y a un problème. (...).

(...) ... c'est par là, c'est dans la mesure où le corps parlant habite ces sèmes qu'il trouve le moyen de suppléer au fait que rien, rien à part ça, ne le conduirait vers ce qu'on a bien été forcé de faire surgir dans le terme « autre », dans le terme « autre » qui habite *lalangue* et qui est fait pour représenter ceci, justement qu'il n'y a avec le partenaire, le partenaire sexuel, aucun rapport autre que par l'intermédiaire de ce qui fait sens dans *lalangue* (...).

p.142 (aula de 11 de junho de 1974)

(...) Sólo que de esto se trata. El sema no es complicado, es lo que constituye sentido. Todo lo que constituye sentido en *lalengua* muestra estar vinculado a la ex-sistencia de esa lengua, a saber: a lo que esta fuera del asunto de la vida del cuerpo; y si hay algo que intente desarrollar este año ante ustedes — espero haberlo hecho presente, pero quién sabe — es que en la medida en que dicho goce fálico, dicho goce semiótico se sobregrega al cuerpo, hay un problema. (...).

(...) ... es en la medida en que el cuerpo, el cuerpo hablante, habita esos semas que encuentra el medio de suplir el hecho de que nada, nada aparte de eso lo conduciría hacia lo que nos hemos visto forzados a hacer surgir con el término "otro", que habita *lalengua* y está hecho para representar, justamente, lo que sigue: que no hay con el compañero, el compañero sexual, otra relación que por intermedio de aquello que constituye sentido en *lalengua*. (...).

p. 233

(...) Le sens, il faut le dire, le sens comme ça quand on ne le travaille pas, eh bien, il est opaque. La confusion des sentiments, c'est tout ce que *lalangue* est faite pour sémiotiser. Et c'est bien pour ça que tous les mots sont faits pour être ployables à tous les sens. Alors, ce que j'ai proposé, ce que j'ai proposé dès le départ de cet enseignement, dès le discours de Rome, c'est d'accorder l'importance qu'elle a dans la pratique, dans la pratique analytique, au matériel de *lalangue*. Un linguiste, un linguiste, bien sûr, est tout à fait introduit d'emblée à cette considération de la langue comme ayant un matériel (...).

p. 143 (aula de 11 de junho de 1974)

(...) El sentido, hay que decirlo, cuando no se lo trabaja, es opaco. La confusión de sentimientos es todo lo que *lalengua* esta hecha para semiotizar. Y por eso todas las palabras están hechas para ser plegables en todos los sentidos.



Entonces, lo que propuse — lo que propuse desde el comienzo de esta enseñanza, desde el discurso de Roma — es acordar la importancia que ella tiene en la práctica analítica, al material de lalengua.

Ciertamente, el lingüista se encuentra de entrada totalmente intraducido a esa consideración de lalengua como teniendo un material (...).

p. 234

(...) Nous nous apercevons que ce qu'il a dit - nous nous en apercevons parce que nous le subissons - que ce qu'il a dit pouvait être entendu tout de travers. Et c'est justement en l'entendant tout de travers que nous lui permettons de s'apercevoir d'où ses pensées, sa sémiotique à lui, d'où elle émerge : elle émerge de rien d'autre que de l'ek-sistence de lalangue. Lalangue ek-siste ailleurs que dans ce qu'il croit être son monde.

Lalangue a le même parasitisme que la jouissance phallique, par rapport à toutes les autres jouissances. Et c'est elle qui détermine comme parasitaire dans le Réel ce qu'il en est du savoir inconscient. Il faut concevoir lalangue. Et pourquoi pas, pourquoi pas parler de ce que lalangue serait en rapport avec la jouissance phallique comme les branches à l'arbre (...).

pp. 143-144 (aula de 11 de junho de 1974)

(...) Nos percatamos de que lo que ha dicho podida ser — nos percatamos porque lo padecemos, podía ser oído todo de través. Y es justamente al oírlo todo de través que le permitimos advertir de donde emergen sus pensamientos, su semiótica propia. Ella no emerge de otra cosa que de la existencia de lalengua. Lalengua ex-siste, ex-siste en otra parte que en lo que él cree ser su mundo. Lalengua tiene el mismo parasitismo que el goce fálico con relación a todos los otros goces, y es ella lo que determina como parasitario en lo real lo que tiene que ver con el saber inconsciente.

Es preciso concebir lalengua, y por que no hablar del hecho de que lalengua estaría en relación con el goce fálico como las ramas con el árbol. (...).

p. 235

(...) Et alors, disons que lalangue, n'importe quel élément de lalangue, c'est, au regard de la jouissance phallique, un brin de jouissance. Et c'est en ça que ça étend ses racines si loin dans le corps (...).

p. 144 (aula de 11 de junho de 1974)

(...) y entonces digamos que lalengua, cualquier elemento de lalengua, es con respecto al goce fálico una brizna de goce. De allí que extienda sus raíces tan lejos en el cuerpo. (...).

\*\*\*

**Alla Scuola Freudiana (30/03/1974)<sup>11 12</sup>**

p. 05

(...) Pour vous la langue... – que j'écris en un seul mot : je fais lalangue, parce que ça veut dire *lalala*, la *lallation*, à savoir que c'est un fait que très tôt l'être humain fait des lallations, comme ça, il n'y a qu'à voir un bébé, l'entendre, et que peu à peu il y a une personne, la mère, qui est exactement la même chose que lalangue, à part que c'est quelqu'un d'incarné, qui lui transmet lalangue... et il me semble difficile de ne pas voir que la pratique analytique passe par là, puisque tout ce qu'on demande à la personne qui vient se confier à vous, c'est rien d'autre : c'est parler. (...).

p. 06

(...)Je ne le dis pas, et je ne le dis d'autant moins que je pense qu'il n'y a que par là, par ce fil-là, par le fil de lalangue, que nous pouvons justement y lire la trace d'un autre savoir, un autre savoir qui quelque part est à la place de ce que Freud a imaginé, je dis *imaginé*, comme inconscient, et que ce que nous avons à faire, c'est de suivre le fil de cette imagination freudienne, de voir où ça mène, ce que ça veut dire, comment c'est structuré.

Si j'ai mis en avant la fonction de lalangue dans la pratique analytique, c'était simplement pour que... pour que l'analyse ne soit pas une escroquerie. Pour qu'elle ne soit pas une escroquerie (...).

p. 07

(...) Nouer et dénouer le réel et l'imaginaire, c'est ce que le symbolique passe son temps à faire, puisque c'est dans lalangue qu'est la distinction de l'imaginaire et du réel (...).

\*\*\*

**La troisième (01/11/1974)<sup>13</sup>**

**A Terceira (01/10/1974)<sup>14</sup>**

p. 01

---

<sup>11</sup> CD Pas tout Lacan.

<sup>12</sup> Para este texto não foram encontradas versões em português ou espanhol.

<sup>13</sup> CD Pas tout Lacan.

<sup>14</sup> LACAN, J. (1974). *A Terceira*. Conferência pronunciada em Roma, em 01 de novembro de 1974. Tradução de Ângela Jesuino Ferretto, Celina Ary Mendes Garcia, Gilles Garcia, Luiz Alberto de Farias, Maria Roneide Cardoso Gil e Patricia Chittoni Ramos. [freud-lacan.com](http://www.freud-lacan.com). Association Lacanienne Internationale. Disponível em: <[http://www.freud-lacan.com/articles/article.php?url\\_article=jlacan031105\\_2](http://www.freud-lacan.com/articles/article.php?url_article=jlacan031105_2)>. Acesso em 21 mar. 2009.

(...) Si j'injecte ainsi un bout de plus d'onomatopée dans lalangue, ce n'est pas qu'elle ne soit en droit de me rétorquer qu'il n'y a pas d'onomatopée qui déjà ne se spécifie de son système phonématique, à lalangue (...) Je tempère ça à remarquer que "ourdrome" est un ronron qu'admettraient d'autres lalangues, si j'agrée bien de l'oreille à telle de nos voisines géographiques, et que ça nous sort naturellement du jeu de la matrice, celle de Jakobson, celle que je spécifiais à l'instant. (...).

[http://www.freud-lacan.com/articles/article.php?url\\_article=jlacan031105\\_2](http://www.freud-lacan.com/articles/article.php?url_article=jlacan031105_2)

(...) Se injeto, assim, um pedaço a mais de onomatopéia n'alíngua, não é que ela não tenha o direito de me retorquir que não há onomatopéia que já não se especifique de seu sistema fonemático n'alíngua. (...) Atenuo isso observando que "urdroma" é um ronrom que admitiriam outras alínguas, se aceito de ouvido tal de nossas vizinhas geográficas, e que isso nos sai naturalmente do jogo da matriz, a de Jakobson, que eu especificava há pouco. (...).

pp. 01-02

(...) et du seul fait qu'il parle, car à parler lalangue, il a un inconscient, et il est paumé, comme tout un chacun qui se respecte; c'est ce que j'appelle un savoir impossible à rejoindre pour le sujet, alors que lui, le sujet, il n'y a qu'un signifiant seulement qui le représente auprès de ce savoir (...).

[http://www.freud-lacan.com/articles/article.php?url\\_article=jlacan031105\\_2](http://www.freud-lacan.com/articles/article.php?url_article=jlacan031105_2)

(...) pelo fato de que ele fala, pois, ao falar alíngua, ele tem um inconsciente, e ele está largado, como qualquer um que se respeite; é isso que eu chamo um saber impossível de alcançar para o sujeito, enquanto que ele, o sujeito, há somente um significante que o representa junto a esse saber (...).

p. 07

(...) L'ennui, c'est qu'ils ne s'aperçoivent pas pour autant que la mort se localise du même coup à ce qui dans lalangue, telle que je l'écris, en fait signe (...).

[http://www.freud-lacan.com/articles/article.php?url\\_article=jlacan031105\\_2](http://www.freud-lacan.com/articles/article.php?url_article=jlacan031105_2)

(...) A dificuldade é que nem por isso eles percebem que a morte se localiza ao mesmo tempo no que n'alíngua, tal como a escrevo, faz disso sinal. (...).

p. 07

(...) Ce pourquoi j'ai mis l'accent sur le signifiant dans la langue. Je l'ai désigné de l'instance de la

lettre, ce pour me faire entendre de votre peu de stoïcisme. Il en résulte, ai-je ajouté depuis sans plus d'effet, que c'est lalangue dont s'opère l'interprétation, ce <sup>(189)</sup>qui n'empêche pas que l'inconscient soit structuré comme un langage, un de ces langages dont justement c'est l'affaire des linguistes de faire croire que lalangue est animée (...).

Lalangue, c'est ce qui permet que le vœu (souhait), on considère que ce n'est pas par hasard que ce soit aussi le veut de vouloir, 3<sup>e</sup> personne de l'indicatif, que le non niant et le nom nommant, ce n'est pas non plus par hasard ; que d'eux (« d » avant ce « eux » qui désigne ceux dont on parle) ce soit fait de la même façon que le chiffre deux, ce n'est pas là pur hasard ni non plus arbitraire, comme dit Saussure. Ce qu'il faut y concevoir, c'est le dépôt, l'alluvion, la pétrification qui s'en marque du maniement par un groupe de son expérience inconsciente. (...).

[http://www.freud-lacan.com/articles/article.php?url\\_article=jlacan031105\\_2](http://www.freud-lacan.com/articles/article.php?url_article=jlacan031105_2)

(...) Eis por que dei destaque ao significante na língua. Eu o designei de instância da letra, isso para me fazer entender apesar do pouco de estoicismo de vocês. Disso resulta, acrescentei depois sem mais efeito, que é d'alíngua que se opera a interpretação, o que não impede que o inconsciente seja estruturado como uma linguagem, uma dessas linguagens das quais justamente é o negócio dos linguistas levar a crer que alíngua é animada (...).

Alíngua é o que permite que o voeu [voto] (anseio), considera-se que não é por acaso que esse seja também o veut [quer] de querer, 3a pessoa do indicativo, que o non [não] da negação e o nom [nome] nomeante também não seja por acaso; que d'eux [deles] “d” antes de “eux”, que designa aqueles dos quais se fala, seja feito do mesmo modo que o número deux [dois] não é puro acaso, nem muito menos arbitrário, como diz Saussure. O que é preciso conceber aí é o depósito, o aluvião, a petrificação que se marca a partir do manejo por um grupo de sua experiência inconsciente. (...).

pp. 07-08

(...) Lalangue n'est pas à dire vivante parce qu'elle est en usage. C'est bien plutôt la mort du signe qu'elle véhicule. Ce n'est pas parce que l'inconscient est structuré comme un langage que lalangue n'ait pas à jouer contre son jouir, puisqu'elle s'est faite de ce jouir même. Le sujet supposé savoir qu'est l'analyste dans le transfert ne l'est pas supposé à tort s'il sait en quoi consiste l'inconscient d'être un savoir qui s'articule de lalangue, le corps qui là parle n'y étant noué que par le réel dont il se jouit. Mais le corps est à comprendre au naturel comme dénoué de ce réel qui, pour y exister au titre de faire sa jouissance, ne lui reste pas moins opaque. Il est l'abîme moins remarqué de ce que ce soit lalangue qui, cette jouissance, la civilise si j'ose dire, j'entends par là qu'elle la porte à son effet développé, celui par lequel le corps jouit d'objets dont le premier, celui que j'écris

du a, est l'objet même, comme je le disais, dont il n'y a pas d'idée, d'idée comme telle, j'entends, sauf à le briser, cet objet, auquel cas ses morceaux sont identifiables corporellement et, comme éclats du corps, identifiés. Et c'est seulement par la psychanalyse, c'est en cela que cet objet fait le noyau élaborable de la jouissance, mais il ne tient qu'à l'existence du nœud, aux trois consistances de tores, de ronds de ficelle qui le constituent. (...).

[http://www.freud-lacan.com/articles/article.php?url\\_article=jlacan031105\\_2](http://www.freud-lacan.com/articles/article.php?url_article=jlacan031105_2)

(...) Alíngua não é para ser dita viva porque está em uso. É antes mesmo a morte do signo que ela veicula. Não é porque o inconsciente é estruturado como uma linguagem que alíngua não tenha que jogar contra seu gozar, já que ela se fez desse próprio gozar. O sujeito suposto saber que é o analista na transferência não é por nada que é suposto se ele sabe em que consiste o inconsciente, em ser um saber que se articula d'alíngua, o corpo que aí fala só estando nela enodado pelo real do qual ele se goza. Mas o corpo deve ser compreendido no natural como desnodado desse real que, para existir aí a título de fazer seu gozo, nem por isso lhe fica menos opaco. Ele é o abismo menos notado do que seja alíngua que, esse gozo, o civiliza, se ousa dizer, entendo por isso que ela o leva a seu efeito desenvolvido, aquele pelo qual o corpo goza de objetos cujo primeiro, aquele que escrevo com "a", é o objeto mesmo, como eu dizia, do qual não se tem ideia, ideia como tal, entendo, exceto a quebrá-lo, esse objeto, neste caso seus pedaços são identificáveis corporalmente e, como estilhaços do corpo, identificados. É somente pela psicanálise, é nisso que esse objeto constitui o cerne elaborável do gozo, mas ele só se sustenta da existência do nó, das três consistências de toros, de rodinhas de barbantes que os constituem. (...).

p. 09

(...) La question reste à trancher si vie implique jouissance. Et si la question reste douteuse pour le végétal, ça ne met que plus en valeur qu'elle ne le soit pas pour la parole, que lalangue où la jouissance fait dépôt, comme je l'ai dit, non sans la mortifier, non sans qu'elle ne se présente comme du bois mort, témoigne quand même que la vie, dont un langage fait rejet, nous donne bien l'idée que c'est quelque chose de l'ordre du végétal (...).

[http://www.freud-lacan.com/articles/article.php?url\\_article=jlacan031105\\_2](http://www.freud-lacan.com/articles/article.php?url_article=jlacan031105_2)

(...) Resta decidir se vida implica gozo. E se essa questão resta duvidosa para o vegetal, isso só faz valorizar ainda mais que ela não o seja para a fala, que alíngua onde o gozo se deposita, como já disse, não sem mortificá-la, não sem que ela se apresente como madeira morta, testemunha mesmo assim de que a vida, cuja linguagem rejeita, nos dá muito bem a ideia que é algo da ordem do vegetal. (...).

p. 10

(...) tout ceci ne nous vient qu'à partir de quelque chose qui n'a pas de meilleur support que la lettre. Mais ça veut dire aussi, parce qu'il n'y a pas de lettre sans de lalangue, c'est même le problème, comment est-ce que lalangue, ça peut se précipiter dans la lettre? On n'a jamais fait rien de bien sérieux sur l'écriture. Mais ça vaudrait quand même la peine, parce que c'est là tout à fait un joint. (...).

[http://www.freud-lacan.com/articles/article.php?url\\_article=jlacan031105\\_2](http://www.freud-lacan.com/articles/article.php?url_article=jlacan031105_2)

(...) tudo isso só nos vem a partir de algo que não tem melhor suporte senão a letra. Mas isso quer dizer também, porque não há letra sem alíngua, é mesmo esse o problema, como é que alíngua pode precipitar-se na letra? Nunca fizemos nada de muito sério sobre a escritura. Mas mesmo assim valeria a pena, porque aí está exatamente uma junção. (...).

p. 15

(...) C'est en tant que dans l'interprétation c'est uniquement sur le signifiant que porte l'intervention analytique que quelque chose peut reculer du champ du symptôme. C'est ici dans le symbolique, le symbolique en tant que c'est lalangue qui le supporte, que le savoir inscrit de lalangue qui constitue à proprement parler l'inconscient s'élabore, gagne sur le symptôme, ceci n'empêchant pas que le cercle marqué là du S ne corresponde à quelque chose qui, de ce savoir, ne sera jamais réduit, c'est à savoir l'*Urverdrängt* de Freud, ce qui de l'inconscient ne sera jamais interprété. (...)

[http://www.freud-lacan.com/articles/article.php?url\\_article=jlacan031105\\_2](http://www.freud-lacan.com/articles/article.php?url_article=jlacan031105_2)

(...) É como na interpretação, é unicamente sobre o significante que porta a intervenção analítica que alguma coisa pode recuar do campo do sintoma. É aqui no simbólico, o simbólico, na medida em que é alíngua que o suporta, que o saber inscrito d'alíngua, que constitui propriamente falando o inconsciente, se elabora, ganha sobre o sintoma, isso não impedindo que o círculo marcado aí com S não corresponda a algo que, desse saber, não será nunca reduzido, é, a saber, o *Urverdrängt* de Freud, o que do inconsciente jamais será interpretado. (...).

p. 16

(...) ce n'est pas parce que l'inconscient est structuré comme un langage, c'est-à-dire que c'est ce qu'il a de mieux, que pour autant l'inconscient ne dépend pas étroitement de lalangue, c'est-à-dire de ce qui fait que toute lalangue est une langue morte, même si elle est encore en usage (...).

[http://www.freud-lacan.com/articles/article.php?url\\_article=jlacan031105\\_2](http://www.freud-lacan.com/articles/article.php?url_article=jlacan031105_2)

(...) não é porque o inconsciente é estruturado como uma linguagem, quer dizer, que é o que há de melhor, que por isso o inconsciente não dependa estreitamente d'alíngua, quer dizer, do que faz com que toda alíngua seja uma língua morta, mesmo que ela esteja ainda em uso. (...).

\*\*\*

**R.S.I. (1974-1975)**

**R.S.I. (1974-1975)<sup>15</sup>**

pp. 72-73

(...) Lalangue, je crois que c'est lalangue anglaise qui fait obstacle. Ce n'est pas très prometteur, parce que lalangue anglaise est en train de devenir universelle, je veux dire, qu'elle se fraie sa voie, enfin je peux pas dire qu'il n'y ait pas de gens qui ne s'efforcent de m'y traduire. (...).

Il faut tout de même reconnaître les choses comme elles sont. Je ne suis pas le premier à avoir constaté cette résistance de lalangue anglaise à l'inconscient. (...) J'ai cru voir, dans une certaine, disons, duplicité, duplicité dans le cas de lalangue japonaise, de la prononciation, j'ai cru voir là quelque chose qui redoublé par le système de l'écriture qui est aussi double, j'ai cru voir là une certaine spéciale difficulté spéciale difficulté à jouer sur le plan de l'inconscient, et justement en ceci qui devrait y paraître une aide : si ce qu'il en est de l'inconscient se localise au lieu de l'Autre, et si j'y fais la remarque qu'il n'y a pas d'Autre de l'Autre, c'est à savoir que ce qui dans mon petit schème figuré du nœud borroméen [figure IV-2] se caractérise par une spéciale accentuation du trou dans ce qui fait face, si je puis dire, dans ce qui fait face au Symbolique, et que j'ai pointé, je pense, la dernière fois, en y mettant, en y mettant un J suivi d'un grand A, que j'ai traduit enfin, que j'ai essayé d'énoncer comme désignant la jouissance de l'Autre (...).

pp. 26-27 (aula de 11 de fevereiro de 1975)

(...) Alíngua, acho que alíngua inglesa é um obstáculo. Não é muito promissor, visto alíngua inglesa estar se tornando universal, quero dizer que ela abre trilha, enfim, não posso dizer não haver pessoas aqui que não se esforcem de me traduzir. (...)

Deve-se pelo menos reconhecer as coisas como elas são, não sou eu o primeiro a ter constatado essa resistência d'alíngua inglesa ao Inconsciente. (...) achei ter visto numa certa, digamos, duplicidade d'alíngua japonesa, de pronúnciação, achei ter visto aí algo que, duplicado pelo sistema de escrita que é também duplo, achei ver aí uma dificuldade especial para jogar no

---

<sup>15</sup> LACAN, J. *O Seminário, livro 22:R.S.I. (1974-75)*. Tradução para o português não mencionada. Edição não comercial. Inédito.

plano do Inconsciente, e justamente nisso que poderia parecer uma ajuda: se aquilo que é do Inconsciente se localiza no lugar do Outro, e se faço aí a observação de que não há Outro do Outro, é, a saber, que o que no meu esqueminha figurado do nó borromeano se caracteriza por uma especial acentuação do buraco naquilo que faz frente ao Simbólico, e que pontilhei, acho, na última vez, colocando ali um G seguido de um O, que traduzi afinal, que tentei enunciar como designando o Gozo do Outro (...).

p. 109

(...) D'où il résulte tout de même, à prendre un peu de recul, que le Réel, c'est ce qui ek-siste au sens (en tant que je le définis par l'effet de lalangue sur l'idée, soit sur l'imaginaire supposé par Platon), à l'animal parlêtre (entre autres animaux-corps ou diable-au-corps, comme vous voudrez) (...).

(aula de 11 de março de 1975)

(...) De donde resulta, de todos modos, para volver un poco atrás, que lo Real, es lo que ex-siste al sentido en tanto que yo lo defino por el efecto de lalengua sobre la idea, o sea sobre lo Imaginario supuesto por Platón al animal parl'être entre otros, ¡entre otros animales — cuerpo o diablo en el cuerpo, como ustedes quieran! (...).<sup>16</sup>

\*\*\*

**Peut-être à Vincennes (01/1975)<sup>17</sup>**

**Talvez em Vincennes... (01/1975)<sup>18</sup>**

p. 01

(...) Que la linguistique se donne pour champ ce que je dénomme de lalangue pour en supporter l'inconscient, elle y procède d'un purisme qui prend des formes variées, justement d'être formel. Soit d'exclure non seulement du langage, "d'origine" disent ses fondateurs, mais ce que j'appellerai ici sa nature. (...).

Mais le langage se branche-t-il sur quelque chose d'admissible au titre d'une vie quelconque, voilà la question qu'il ne serait pas mal d'éveiller chez les linguistes (...).

J'insiste à désigner de vraie une linguistique qui prendrait lalangue plus "sérieusement" (...).

---

<sup>16</sup> Na versão em português falta este parágrafo no texto. Optamos por colocar o parágrafo da versão em espanhol, cujo tradutor não é mencionado.

<sup>17</sup> CD Pas tout Lacan.

<sup>18</sup> LACAN, J. (1975). Talvez em Vincennes... In: *Outros escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003, p. 316-318.



pp. 316-317

(...) Ainda que a linguística se dê por campo o que denomino de *alíngua*<sup>19</sup> para sustentar o inconsciente, ela procede nisso com um purismo que assume formas variadas, justamente por ser formal. Ou seja, por excluir da linguagem não apenas a “origem”, dizem seus fundadores, mas também o que aqui chamarei de sua natureza. (...).

Mas será que a linguagem assenta em algo admissível a título de uma qualquer vida? Eis a pergunta que não seria nada mau despertar entre os linguistas. (...).

Insisto em designar como verdadeira uma linguística que leve *alíngua*<sup>20</sup> mais “a sério” (...).

\*\*\*

**Conférence donnée par J. Lacan dans le grand amphithéâtre de la Sorbonne le 16 Juin 1975 à l'ouverture du 5e Symposium international James Joyce.<sup>21</sup>**

**Joyce, o Sintoma (1975[1979])<sup>22</sup>**

p. 04

(...) La pointe de l'inintelligible y est désormais l'escabeau dont on se montre maître. Je suis assez maître de *lalangue*, celle dite française, pour y être parvenu moi-même ce qui fascine de témoigner de la jouissance propre au symptôme. Jouissance opaque d'exclure le sens (...).

p. 566

(...) A partir daí, a ironia do ininteligível é o escabelo de que alguém se mostra mestre. Sou suficientemente mestre de *lalíngua*, da que é chamada francesa, para ter eu mesmo chegado a isso, o que é fascinante, por atestar o gozo próprio do sintoma. Gozo opaco, por excluir o sentido. (...).

\*\*\*

**Conférence donnée par J. Lacan dans le grand amphithéâtre de la Sorbonne le 16 juin 1975 à l'ouverture du 5e Symposium international James Joyce.<sup>23</sup>**

**Joyce, o sintoma, por Jacques Lacan (1975)<sup>24</sup>**

<sup>19</sup> Na presente tradução de Vera Ribeiro, neste trecho do texto a palavra *alíngua* foi grafada com a separação do artigo: *a língua*.

<sup>20</sup> Na presente tradução de Vera Ribeiro, neste trecho do texto a palavra *alíngua* foi grafada com a separação do artigo: *a língua*.

<sup>21</sup> CD Pas tout Lacan

<sup>22</sup> LACAN, J. (1975/versão publicada em 1979). Joyce, o Sintoma. In: *Outros escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003, p. 560-566.

<sup>23</sup> CD Pas tout Lacan

<sup>24</sup> LACAN, J. (1975). Joyce, o sintoma, por Jacques Lacan. In: *O Seminário, livro 23: R.S.I. (1974-75)*. Tradução de Sérgio Laia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007, p.157-165 (anexos).

p. 04

(...) s'il est écrit dans lalangue qui est l'anglaise... Le symptôme en tant que rien ne le rattache à ce qui fait lalangue elle-même dont il supporte cette trame, ces stries, ce tressage de terre et d'air dont il ouvre *Chamber music*... Le symptôme est purement ce que conditionne lalangue, mais d'une certaine façon, Joyce le porte à la puissance du langage, sans que pour autant rien n'en soit analysable, c'est ce qui frappe, et littéralement interdit – au sens où l'on dit – je reste interdit. (...).

p. 163

(...) tal como ele é escrito na lalíngua que é a inglesa (...).

(...) O sintoma, na medida em que nada o vincula ao que constitui a própria lalíngua que é suporte dessa trama, dessas estrias, desse trançamento de terra e de ar com que ele abre *Chamber Music* (...) o sintoma é puramente o que lalíngua condiciona, mas de certa maneira Joyce o eleva à potência da linguagem, sem torná-lo com isso analisável.

É o que impressiona, e literalmente interdita, no sentido em que se diz *je reste interdit*. (...).

\*\*\*

**Conférence annoncée sous le titre « Le symptôme » à Genève, le 4 Octobre 75<sup>25</sup>**

**Conferência em Genebra sobre o sintoma (1975)<sup>26</sup>**

p. 05

(...) C'est toujours à l'aide de mots que l'homme pense. Et c'est dans la rencontre de ces mots avec son corps que quelque chose se dessine... un mode de vivre à propos de quoi on pouvait s'apercevoir, bien avant Freud, que le langage, ce langage qui n'a absolument pas d'existence théorique, intervient toujours sous la forme de ce que j'appelle d'un mot que j'ai voulu faire aussi proche que possible du mot *lallation* – lalangue.

Lalangue, les anciens depuis le temps d'Esopé, s'étaient très bien aperçus que c'était absolument capital. Il y a là-dessus une fable bien connue, mais personne ne s'en aperçoit. Ce n'est pas du tout au hasard que dans lalangue quelle qu'elle soit dont quelqu'un a reçu la première empreinte, un mot est équivoque... Il est tout à fait certain que c'est dans la façon dont la langue a été parlée et aussi entendue pour tel et tel dans sa particularité, que quelque chose ensuite ressortira en rêves, en toutes sortes de trébuchements, en toutes sortes de façons de dire. C'est, si vous me

---

<sup>25</sup> CD Pas tout Lacan

<sup>26</sup> LACAN, J. (1975). *Conferência em Genebra sobre o sintoma*. Tradução não mencionada. Salvador: Campo psicanalítico. Disponível em: <<http://www.campopsicanalitico.com.br/biblioteca/genebra.doc>>. Acesso em 08 ago. 2009.

permettez d'employer pour la première fois ce terme, dans ce *motérialisme* que réside la prise de l'inconscient – je veux dire que ce qui fait que chacun n'a pas trouvé d'autres façons de sustenter que ce que j'ai appelé tout à l'heure le symptôme. (...).

<http://www.campopsicanalitico.com.br/biblioteca/genebra.doc>

(...) O homem sempre pensa com a ajuda das palavras. E é neste encontro entre estas palavras e seu corpo onde alguma coisa se esboça. (...) uma maneira de viver em relação à qual a gente podia se dar conta, muito antes de Freud, que a linguagem, essa linguagem que não tem absolutamente nenhuma existência teórica, intervém sempre sob a forma do que chamo com uma palavra que quis que fosse o mais próximo possível da palavra *lalação* – *alíngua*.

Os antigos, desde a época de Esopo, tinham se apercebido perfeitamente de que *alíngua* era absolutamente capital. Sobre isso há uma fábula muito conhecida, mas ninguém se apercebeu disso. Não é por acaso que n' *alíngua*, qualquer que seja ela, na qual alguém recebeu uma primeira marca, uma palavra é equivocada. (...) É absolutamente certo que é pelo modo como *alíngua* foi falada e também ouvida por tal ou qual em sua particularidade, que alguma coisa em seguida reaparecerá nos sonhos, em todo tipo de tropeços, em toda espécie de modos de dizer. É, se me permitem empregar pela primeira vez esse termo, nesse *motérialisme* onde reside a tomada do inconsciente – quero dizer que é o que faz com que cada um não tenha encontrado outros modos de sustentar a não ser o que há pouco chamei o sintoma. (...).

\*\*\*

**Columbia University Auditorium School of International Affairs (01/12/1975)<sup>27</sup>**

**Conferencias en Columbia e Yale II (1975)<sup>28</sup>**

p. 03

(...) L'expérience consiste en ceci, c'est que dès l'origine il y a un rapport avec « *lalangue* », qui mérite d'être appelée, à juste titre, maternelle parce que c'est par la mère que l'enfant – si je puis dire – la reçoit. Il ne l'apprend pas (...).

p. 9

(...) La experiencia consiste en que desde el origen, hay una relación con *lalengua* que merece ser llamada, a justo título, maternal, porque es por la madre que el niño – si puedo decirlo – la recibe. El no la aprende. (...).

---

<sup>27</sup> CD Pas tout Lacan

<sup>28</sup> LACAN, J. (1975) *Conferencias en Columbia e Yale II*. Tradução para o espanhol não mencionada. Inédito.

\*\*\*

**Massachusetts institute of Technology (02/12/1975)<sup>29</sup>**

**Conferencias en Massachussets (MIT) (1975)<sup>30</sup>**

p. 04

(...) En interprétant, nous faisons avec le  $\Sigma$  circularité, nous donnons son plein exercice à ce qui peut se supporter de lalangue, alors que l'analysant, ce dont il donne toujours témoignage, c'est de son symptôme (...).

p. 4

(...) Al interpretar hacemos circularidad con el sigma, damos su pleno ejercicio a lo que puede soportarse de lalengua, en tanto que el analizante de lo que da siempre testimonio es de su síntoma. (...).

\*\*\*

**Le sinthome (1975-1976)**

**O sinthoma (1975-1976)<sup>31</sup>**

p. 05

(...) cette modification d'orthographe qui marque évidemment une date, une date qui se trouve être l'injection dans le français, ce que j'appelle lalangue, lalangue mienne, l'injection de grec (...).

p. 12 (aula de 18 de novembro de 1975, capítulo I: *Do uso lógico do sinthoma ou Freud com Joyce*)

(...) Essa maneira marca uma data, aquela da injeção do grego no que eu chamo de minha lalíngua, a saber, o francês. (...).

pp. 07-08

(...) la femme n'est toute que sous la forme dont l'équivoque prend de lalangue nôtre son piquant, sous la forme du *mais pas ça*, comme on dit *tout, mais pas ça !* (...).

p. 15 (aula de 18 de novembro de 1975, capítulo I: *Do uso lógico do sinthoma ou Freud com Joyce*)

---

<sup>29</sup> CD Pas tout Lacan

<sup>30</sup> LACAN, J. (1975) *Conferencias en Massachussets*. Tradução para o espanhol não mencionada. Inédito.

<sup>31</sup> LACAN, J. *O Seminário, livro 23 : O sinthoma (1975-76)*. Tradução de Sérgio Laia. Rio de Janeiro : Jorge Zahar Editor, 2007.

(...) A mulher só é toda sob a forma pela qual o equívoco toma de nossa lalíngua o que ela tem de picante, sob a forma do *mas isso não*, tal como se diz *tudo, mas isso não*. (...).

p. 125

(...) L'homme est porteur de l'idée de signifiant. Et l'idée de signifiant se supporte dans lalangue de la syntaxe, essentiellement. Il n'en reste pas moins que si quelque chose, dans l'Histoire, peut être supposé, c'est que c'est l'ensemble des femmes qui... engendre ce que j'ai appelé lalangue.

C'est ce dire interrogé sur ce qu'il en est de lalangue, sur ce qui a pu guider, guider un sexe sur les deux, vers ce que j'appellerai cette prothèse de l'équivoque. Car ce qui caractérise lalangue parmi toutes, ce sont les équivoques qui y sont possibles. C'est ce que j'ai illustré de l'équivoque de deux -d-e-u-x- avec d'eux, d apostrophe, e-u-x-. Un ensemble de femmes a engendré dans chaque cas lalangue (...).

pp. 112-113 (aula de 9 de março de 1976, capítulo VII: *De uma falácia que testemunha do real*)

(...) O homem é portador da ideia de significante. Essa ideia, na lalíngua, tem seu suporte essencialmente na sintaxe. De qualquer maneira, o caracteriza lalíngua entre todas são os equívocos que lhe são possíveis, tal como illustrei com o equívoco de *dois* [*deux*] com *deles* [*d'eux*]. Se alguma coisa na história pode ser suposto, é que foi o conjunto de mulheres que engendrou o que chamei de lalíngua (...)

(...) Podemos nos interrogar a respeito do que pôde guiar um dos dois sexos rumo ao que chamarei de prótese do equívoco, e que faz com que um conjunto de mulheres tenha engendrado em cada caso lalíngua. (...).

p. 145

(...) Et c'est en quoi la langue, la langue, lalangue que j'ai appelée *lalanglaise* a, a toutes sortes de ressources: *I have to tell. J'ai à dire* (...).

p. 129 (aula de 13 de abril de 1976, capítulo IX: *Do inconsciente ao real*)

(...) A língua que chamei *lalinglesa* tem todos os tipos de recursos para dizer isso. *I have to tell*. (...).<sup>32</sup>

\*\*\*

**Conférence : « De James Joyce comme symptôme » (24/01/1976)<sup>33 34</sup>**

<sup>32</sup> Na presente tradução de Sérgio Laia, o termo *lalíngua* não aparece neste trecho.

<sup>33</sup> CD Pas tout Lacan

p. 06

(...) C'est grâce à ça que se perpétue le processus dit de la pensée, dont bien sûr Freud ne prétend pas donner la clef ni même d'aucune façon savoir ce que c'est. Ce qu'il sait, c'est qu'il y a quelque chose de l'ordre, de l'ordre du langage ; et pas seulement du langage : de l'ordre de *lalangue* – la façon dont je l'écris, en un seul mot, ceci pour évoquer ce qu'elle a de lallation, ce qu'elle a de... de *langué*, de linguistique. C'est dans *lalangue*, avec toutes les équivoques qui résultent de tout ce que *lalangue* supporte de rimes et d'allitérations, que s'enracine toute une série de phénomènes que Freud a catalogués et qui vont du rêve, du rêve dont c'est le sens qui doit être interprété, du rêve à toutes sortes d'autres énoncés qui, en général, se présentent comme équivoques, à savoir ce qu'on appelle les ratés de la vie quotidienne, les lapsus, c'est toujours d'une façon linguistique que ces phénomènes s'interprètent, et ceci montre... montre aux yeux de Freud que un certain noyau, un certain noyau d'impressions langagières est au fond de tout ce qui se pratique humainement, qu'il n'y a pas d'exemple que dans ces trois phénomènes ... il n'y a pas d'exemple que ceci comme tel ne puisse être interprété en fonction d'une... d'un premier jeu qui est... dont ce n'est pas pour rien qu'on peut dire que la langue maternelle, à savoir les soins que la mère a pris d'apprendre à son enfant à parler, ne joue un rôle ; un rôle décisif un rôle toujours définitif (...).

\*\*\*

**L'insu que sait de l' une-bévue s 'aile a mourre (1976-1977)**

**L'insu que sait de l' une-bévue s 'aile a mourre (1976-1977)<sup>35</sup>**

p. 09 (Leçon I 16 novembre 1976)

(...) On se reconnaît dans le trait d'esprit, parce que le trait d'esprit tient à ce que j'ai appelé *lalangue*... Je veux dire que l'intérêt du trait d'esprit pour l'inconscient est quand même lié à cette chose spécifique qui comporte l'acquisition de *lalangue* (...).

[http://www.campopsicanalitico.com.br/biblioteca/Microsoft%20Word%20-%2001.LACAN-16-11-76-AS\\_IDENTIFICAÇÕES.pdf](http://www.campopsicanalitico.com.br/biblioteca/Microsoft%20Word%20-%2001.LACAN-16-11-76-AS_IDENTIFICAÇÕES.pdf) (aula de 16 de novembro de 1976)

(...) a gente se reconhece no chiste porque ele comporta o que eu chamei *alíngua*. O interesse do chiste para o inconsciente está ligado à aquisição d'*alíngua*. (...).

---

<sup>34</sup> Para este texto não foram encontradas versões em português ou espanhol.

<sup>35</sup> LACAN, J. *O Seminário, livro 24: L'insu que sait de l' une-bévue s 'aile a mourre (1976-77)*. Tradução de Jairo Gerbase. Salvador: Campo psicanalítico. Disponível em: <<http://www.campopsicanalitico.com.br/Biblioteca.aspx?pc=Lacan>>. Acesso em 18 jan.. 2010.

pp. 12-13

(...) Symbolique - c'est lalangue - et un corps du Réel dont on ne sait pas comment il sort (...).

[http://www.campopsicanalitico.com.br/biblioteca/Microsoft%20Word%20-%202001.LACAN-16-11-76-AS\\_IDENTIFICAÇÕES.pdf](http://www.campopsicanalitico.com.br/biblioteca/Microsoft%20Word%20-%202001.LACAN-16-11-76-AS_IDENTIFICAÇÕES.pdf) (aula de 16 de novembro de 1976)

(...) um corpo do simbólico – é alíngua – e um corpo do real do qual não se sabe como ele sai. (...).

p. 114

(...) l'apprentissage qu'il a subi d'une langue entre autres, qui est pour lui lalangue que j'écris, on le sait, en un seul mot, dans l'espoir de ferrer, elle, la langue, ce qui équivoque avec *faire-réel*.

Lalangue quelle qu'elle soit est une obscénité. Ce que Freud désigne de, - pardonnez-moi ici l'équivoque -, *l'obrescène* [?], c'est aussi bien ce qu'il appelle *l'autre scène*, celle que le langage occupe de ce qu'on appelle sa structure, structure élémentaire qui se résume à celle de la parenté (...).

<http://www.campopsicanalitico.com.br/biblioteca/Microsoft%20Word%20-%202010.Lacan-19-04-77-VARIDADE.pdf> (aula de 19 de abril de 1977)

(...) que a aprendizagem que o sujeito teve de uma língua dentre outras, que é para ele alíngua, na esperança de *ferrar, ela, (ferrer, elle)*, alíngua, o que equivoca com *fazer real (faire-réel)*.

Alíngua, qualquer que seja, é uma obscenidade, o que Freud designa – desculpem-me também o equívoco – de *obrecena (obrescène)*, da outra cena que a linguagem ocupa por sua estrutura, estrutura elementar que se resume àquela do parentesco. (...).

p. 115

(...) *La parenté en question* met en valeur ce fait primordial que c'est de lalangue qu'il s'agit. Ça n'a pas du tout les mêmes conséquences que l'analysant ne parle que de ça parce que ses proches parents lui ont appris lalangue... (...).

<http://www.campopsicanalitico.com.br/biblioteca/Microsoft%20Word%20-%202010.Lacan-19-04-77-VARIDADE.pdf> (aula de 19 de abril de 1977)

(...) *o Parentesco em questão* (...) coloca, finalmente, em evidência, este fato primordial que é d' alíngua que se trata, que o analisante só fala disso, porque seus parentes próximos lhe ensinaram alíngua. (...).

p. 116

(...) Il y a quand même une chose qui permet de forcer cet *autisme*, c'est justement que *lalangue* est une affaire commune et que c'est justement là où je suis, c'est-à-dire, capable de me faire entendre de tout le monde ici ...

Il est un fait que *lalangue*, j'écris ça *élangue*, s'élongent à se traduire l'une dans l'autre, mais que le seul savoir reste le savoir des langues, que la parenté ne se traduit pas en fait, mais elle n'a de commun que ceci que les analysants ne parlent que de ça (...).

<http://www.campopsicanalitico.com.br/biblioteca/Microsoft%20Word%20-%2010.Lacan-19-04-77-VARIDADE.pdf> (aula de 19 de abril de 1977)

(...) Há uma coisa que permite forçar este autismo – é que *alíngua* é uma coisa comum. É justamente por isso que sou capaz de fazer-me entender por todo mundo aqui. (...).

(...) É um fato que as línguas (les langues) – que escrevo *l'élangue* – se alongam ao serem traduzidas uma na outra, mas que o único saber permanece o saber das línguas. O parentesco não se traduz, com efeito, porém ele só tem de comum isto, que os analisantes só falam disso.<sup>36</sup>

p. 122

(...) Qu'est-ce qu'un signe qu'on ne pourrait écrire ? Car ce signe, on l'écrit réellement. J'ai mis en valeur comme ça, un temps, la pertinence de ce que *lalangue*, française, touche comme adverbe. Est-ce qu'on peut dire que le Réel ment ? (...).

[http://www.campopsicanalitico.com.br/biblioteca/Microsoft%20Word%20-%2011.LACAN-10-05-77-O\\_IMPOSSÍVEL\\_DE\\_APREENDER.pdf](http://www.campopsicanalitico.com.br/biblioteca/Microsoft%20Word%20-%2011.LACAN-10-05-77-O_IMPOSSÍVEL_DE_APREENDER.pdf) (aula de 10 de maio de 1977)

(...) Que é um signo que não se poderia escrever? – Pois este signo se escreve realmente. Já coloquei em evidência a pertinência do que a língua<sup>37</sup> francesa toca como advérbio. Podemos dizer que o *real mente*? (...).

\*\*\*

**Le moment de conclure (1977-1978)**

**O momento de concluir (1977-1978)<sup>38</sup>**

p. 11

---

<sup>36</sup> Na presente tradução de Jairo Gerbase o termo *alíngua* não aparece neste trecho, mas sim no plural *as línguas*.

<sup>37</sup> Neste trecho da tradução de Jairo Gerbase, o termo aparece separado: *a língua*.

<sup>38</sup> LACAN, J. *O Seminário, livro 25: O momento de concluir (1977-78)*. Tradução de Jairo Gerbase. Salvador: Campo psicanalítico. Disponível em: <<http://www.campopsicanalitico.com.br/Biblioteca.aspx?pc=Lacan&p=2>>. Acesso em 18 jan. 2010.



(...) Si j'ai dit qu'il n'y a pas de métalangage, c'est pour dire que le langage, ça n'existe pas. Il n'y a que des supports multiples du langage qui s'appellent « *lalangue* », et ce qu'il faudrait bien, c'est que l'analyse arrive par une supposition, arrive à défaire par la parole ce qui s'est fait par la parole. (...).

[http://www.campopsicanalitico.com.br/biblioteca/a\\_tagarelice.pdf](http://www.campopsicanalitico.com.br/biblioteca/a_tagarelice.pdf) (aula de 15 de novembro de 1977)

(...) Se disse que não há metalinguagem, foi para dizer que a linguagem não existe. Não há senão suportes múltiplos da linguagem, que se chama de a língua,<sup>39</sup> e o que se espera é que a análise, por uma suposição, chegue a desfazer pela fala o que foi feito pela fala. (...).

p. 102

(...) C'est pourquoi je m'efforce de faire une géométrie du tissu, du fil, de la maille. C'est tout au moins où me conduit, où me conduit le fait de l'analyse ; car l'analyse est un fait, un fait social tout au moins, qui se fonde sur ce qu'on appelle la pensée qu'on exprime comme on peut avec « *lalangue* » qu'on a - je rappelle que cette « *lalangue* », je l'écrivais en un seul mot dans le dessein d'y faire sentir quelque chose. (...).

[http://www.campopsicanalitico.com.br/biblioteca/10-asexo%20\(ualidade\).doc](http://www.campopsicanalitico.com.br/biblioteca/10-asexo%20(ualidade).doc) (aula de 11 de abril de 1978)

(...) É por isso que me esforço em fazer uma geometria do tecido, do fio, da malha. É ao menos onde me conduz o fato da análise, pois a análise é um fato, pelo menos um fato social que se baseia no que se chama o pensamento, que se exprime como se pode com “*alíngua*” que se tem – lembro que esta “*alíngua*”, a escrevia com uma só palavra com o propósito de mostrar alguma coisa. (...).

\*\*\*

### **Ouverture de la Rencontre de Caracas (12/071980)<sup>40</sup>**

#### **Seminário de Caracas (12/07/1980)<sup>41</sup>**

p. 02

(...) Le surprenant est que le nombre nous soit fourni dans *lalangue* même. Avec ce qu'il véhicule du

---

<sup>39</sup> Na tradução de Gerbase o termo *a língua* aparece separado neste trecho.

<sup>40</sup> CD Pas tout Lacan

<sup>41</sup> LACAN, J. (1980). *Seminário de Caracas*. Tradução não mencionada. Salvador: Campo psicanalítico. Disponível em: < <http://www.campopsicanalitico.com.br/biblioteca/sem%20caracas.doc> >. Acesso em 18 jan. 2010.

réal (...).

<http://www.campopsicanalitico.com.br/biblioteca/sem%20caracas.doc>

(...) O surpreendente é que o número nos seja fornecido na própria alíngua. Com o que ela veicula do real. (...).

p. 03

(...) Il s'ensuit que ce que lalangue peut faire de mieux, c'est de se démontrer au service de l'instinct de mort.

C'est là une idée de Freud. C'est une idée géniale. Ça veut dire aussi que c'est une idée grotesque.

Le plus fort, c'est que c'est une idée qui se confirme de ceci, que lalangue n'est efficace que de passer à l'écrit. (...).

<http://www.campopsicanalitico.com.br/biblioteca/sem%20caracas.doc>

(...) Por conseguinte o que alíngua pode fazer de melhor é se demonstrar a serviço do instinto de morte.

Esta é uma ideia de Freud. É uma ideia genial. Isso quer dizer também que é uma ideia grotesca.

O mais importante é que é uma ideia que confirma isso, que alíngua só é eficaz ao passar pelo escrito.

recebido

28/10/2009

aprovado

22/11/2009